

transtornos alimentares (cap. 49). O paciente com dor também é alvo do enfoque psicodinâmico (cap. 50), bem como o doente traumatizado (cap. 51). As situações diversas, na relação terapêutica, são elucidadas no capítulo 47. Finalmente, considera-se importante a integração do conhecimento psicodinâmico numa perspectiva desenvolvimental, i.e., orientada para a fase do ciclo vital em causa, pelo que é explicada a Abordagem Psicodinâmica na Infância (cap. 52), a Abordagem Psicodinâmica na Adolescência (cap.53) e a Abordagem Psicodinâmica do Paciente Geriátrico (cap. 54). Por outro lado, são analisados o funcionamento e actuação psicoterapêutica nos doentes hospitalizados – ‘Abordagem Psicodinâmica do Paciente Hospitalizado (cap.55) – e nos dependentes de substâncias – Abordagem Psicodinâmica do Paciente Dependente Químico (cap. 56).

Conclusivamente, importa reiterar a importância e interesse desta obra, que congrega as diferentes abordagens teórico-práticas psicodinâmicas, no âmbito das psicoterapias de inspiração psicanalítica. No seu quadro teórico e narrativo, encontram-se o ‘antigo’ e o ‘moderno’ desta abordagem, sendo que o que resulta do livro, de um ponto de vista reflexivo, é muito mais do que a simples soma destas duas visões, sugerindo, inteligentemente, um todo uno e ‘com-sentido’. Em síntese, *Psicoterapia de Orientação Analítica: Fundamentos Teóricos e Clínicos* é uma obra, simultaneamente, exaustiva, precisa, polémica e desafiadora; apela a profissionais da área, mas também a um público diversificado, desde os estudantes, a todos aqueles que manifestam alguma curiosidade relacionada com a abordagem psicodinâmica.

**Sónia Coelho**

*Instituto Superior Miguel Torga*

**Marina Prista Guerra e Lígia Lima (eds.). 2005. *Intervenção Psicológica em Grupos em Contextos de Saúde*. Lisboa: Climepsi Editores. 278 pp. ISBN: 972-796-161-4.**

Constituindo uma obra dirigida a estudantes de psicologia, psicólogos clínicos, técnicos dos serviços de saúde mental e a profissionais de saúde em geral, este livro, com componentes teóricas e práticas, é um manual,

com particular interesse para aqueles que, compreendendo a importância das mudanças sócio-culturais contemporâneas, reconhecem a necessidade, no campo da intervenção, em ultrapassar a tarefa individual e orientar-se para o estudo e desenvolvimento da psicologia e dinâmica dos grupos. De facto, perante a carência de suporte social nas sociedades de hoje, o estudo da psicologia dos grupos e a sua aplicação na intervenção prática tem vindo, ainda que lentamente, a ser observada como uma opção de grande utilidade, face às dificuldades inerentes à intervenção individual, cada vez mais exigente a diferentes níveis.

Assim, enfatizo o aparecimento desta obra, não só pela escassez de literatura sistematizada nesta área, em português, mas também pela ainda fraca valorização da intervenção psicológica em grupos como uma disciplina consistente e independente. Em rigor, a maioria dos compêndios que abordam esta temática fazem-no, traduzindo a investigação baseada na psicologia social, que, não obstante o seu interesse, não representa um conhecimento específico direccionado para o estudo da psicologia e intervenção em pequenos grupos, com a indispensável articulação entre a prática e os modelos teóricos concretos. Por outro lado, independentemente do seu interesse (ou poder) terapêutico, a condução da intervenção grupal proporciona uma abrangência significativamente diversificada de aplicações, que vão desde a prevenção primária ao contexto pedagógico.

Deste modo, o propósito do livro é a divulgação dos contributos das principais correntes psicológicas de intervenção grupal (pelas autoras assim consideradas), exemplificação da organização, planificação e rigor metodológico que determina a constituição de um grupo – presente, desde logo, no diagnóstico de necessidades de intervenção – de uma forma especialmente dirigida aos profissionais de saúde e aos psicólogos em particular.

Em congruência com estes objectivos, a obra encontra-se estruturada em três partes, numa sequência que implica um movimento da teoria em direcção à prática. Assim, a primeira parte é dedicada à história e evolução dos processos de grupo. Na segunda parte, são apresentadas diferentes abordagens (ainda teóricas) de intervenção psicológica em grupo. Por fim, a terceira parte tem grande importância no livro, uma vez que ocupa mais

de metade da obra, apresentando um conjunto de propostas de programas de intervenção psicológica em contextos de saúde, convergindo numa aplicação teórico-prática dos conteúdos abordados nas duas primeiras partes.

Após um breve texto introdutório, a primeira parte do livro, de autoria das coordenadoras da edição, demonstra a preocupação em separar uma abordagem psicológica, com base nos modelos científicos presentes na literatura, em relação a uma multiplicação, eventualmente menos ponderada, de diversos tipos de intervenção que não possuem um suporte científico subjacente.

Para fazer uma reflexão crítica sobre as definições actuais e principais linhas orientadoras no âmbito da dinâmica de grupos, as autoras procuram delinear diferentes abordagens interventivas, acrescidas das respectivas contribuições teóricas das principais correntes psicológicas. Desta forma, começam por uma história da evolução dos processos e da dinâmica dos grupos, salientando, e porque a própria história assim o exige, a contribuição de Kurt Lewin. Passando por diferentes conceitos de entendimento desta temática, a ênfase é colocada nos pequenos grupos e nas suas características particulares, partindo das suas especificidades e dos fenómenos de identificação no processo grupal. Por outro lado, são ainda ilustradas as fases previsíveis de desenvolvimento grupal, de acordo com autores relevantes no estudo de pequenos grupos, como Bennis e Shepard ou Bruce Tuckman.

Nesta primeira parte, são ainda abordados os vários conceitos da dinâmica e do próprio grupo, cuja diversidade de nomenclaturas de classificação, dificulta a sistematização. Neste sentido, são revisitados autores como Anzieu e Martin, passando aos diferentes tipos de grupo e critérios de classificação. De seguida, é evidenciada a interligação dos modelos teóricos subjacentes ao estudo dos grupos, seu funcionamento e eficácia, com a diferenciação entre grupos terapêuticos e não terapêuticos.

No segundo capítulo da primeira parte, são ainda desenvolvidos os processos grupais, com destaque nos mecanismos de feedback como agentes de mudança pessoal e social, bem como os fenómenos de liderança e coesão no seio do grupo e utilização adequada das técnicas de dinamização grupal.

Atendendo a que a utilização das técnicas de dinâmica de grupos refere instrumentos que ajudam a alcançar os objectivos propostos, as autoras remetem para a etimologia da palavra 'técnica', com origem no grego *téchni*, relativo a arte, postulando a ideia de que a técnica só tem interesse efectivo, se for aplicada com criatividade.

Sendo um dos objectivos principais das técnicas de dinâmica de grupos melhorar o desempenho dos elementos do grupo e o grupo em si, a sua selecção deve ser cuidadosa e deve ter em conta as suas características. Deste modo, é referida a importância não só do conhecimento e domínio teórico e técnico, por parte do dinamizador grupal, mas também da vivência pessoal de exercícios semelhantes. A importância da coesão é abordada com o suporte a autores como Corey e Yalom, enquanto processo fundamental para o desenvolvimento de qualquer grupo.

No que respeita à comunicação, são explicitados os conceitos de redes, ao mesmo tempo que é dada a devida importância à comunicação proxémica. Neste ponto, eu enfatizo o interesse da introdução deste aspecto, uma vez que os estudos da gestão da distância interpessoal iniciados por Edward Hall, em 1986, e os seus diferentes significados comunicacionais, são, frequentemente, esquecidos na literatura, não obstante a elevada importância que esta forma de comunicação assume nas diferentes culturas.

No conjunto da primeira parte, são, assim, abordados os princípios orientadores do relacionamento interpessoal e teorias subjacentes, as quais devem ser, devidamente, assimiladas, para compreender o funcionamento do grupo.

Na segunda parte, e suportando-se em conceitos anteriormente mencionados, as autoras atravessam os principais referenciais teóricos, dedicados, mais concretamente, aos modelos de intervenção psicológica em grupo, estabelecendo a ponte com a componente mais prática presente na terceira e última parte. Desta forma, são assumidas e identificadas, essencialmente, três forças nos grupos: intrapessoais, interpessoais e grupais. A abordagem inicia-se com a corrente humanista e com referências aos principais autores, seguindo-se uma descrição e princípios orientadores do modelo interaccional de Irvin Yalom, demonstrando as semelhanças com alguns pressupostos da corrente humanista. Yalom é reconhecido,

actualmente, como um dos autores mais relevantes no estudo aprofundado da condução dos grupos, incluindo também fundamentos da referida corrente humanista, existencial e ainda dos postulados de Kurt Lewin. Por outro lado, a sua visão, apesar de presupor uma aplicação em grupos terapêuticos, segue princípios orientadores que têm também utilidade nos designados grupos de desenvolvimento e de encontro. Além disso, não são esquecidos os modelos cognitivo-comportamentais que, cada vez mais interessados numa intervenção mais prática e de âmbito grupal, apresentam técnicas diversificadas e orientadas para a acção e resolução de problemas do quotidiano, com grande utilidade (como auto-controlo e auto-eficácia).

A segunda parte termina com uma análise das intervenções em grupo, apresentando uma reflexão crítica da integração dos vários modelos teóricos, no sentido de preparar o leitor para a programação, condução e execução prática da intervenção grupal.

A terceira parte é da responsabilidade de diversos autores e constitui o corolário, numa vertente claramente prática, dos conteúdos abordados nas duas primeiras partes. Neste ponto, são, assim, descritos diferentes programas de aplicação em contextos de saúde, desenvolvidos pelos autores, apresentados de forma escrupulosa e obedecendo a uma estrutura geral que facilita a compreensão. Estes programas representam um precioso instrumento, na forma de manual prático, para os interessados pela intervenção psicológica em grupo. Adoptando este rigor, as propostas seguem uma sistematização estrutural que começa por um enquadramento teórico de cada intervenção, seguido da caracterização do grupo, onde se inclui a população-alvo, a duração do grupo e sua composição, descrição dos objectivos gerais da intervenção, planificação, avaliação geral e/ou das sessões e ainda uma lista de referencia bibliográfica utilizada em cada programa.

As propostas de programas de intervenção descritas, apesar de se reportarem a grupos muito específicos – grávidas toxicodependentes, crianças diabéticas, doentes com esclerose múltipla, técnicos de saúde da unidade de cuidados intensivos, entre outros – pela forma rigorosa como são descritos, servem outros focos de intervenção em contextos de saúde, ou mesmo outras áreas, conforme proposto pelas autoras no início do livro.

Esta obra vem, de facto, contribuir para uma sistematização teórico-prática sobre o estudo da psicologia e dinâmica dos grupos, até aqui um pouco dispersa e/ou escassa na literatura científica portuguesa, e serve não só estudantes e aprendizes, mas igualmente os técnicos que procuram sistematizar e melhor aplicar os seus conhecimentos na intervenção psicológica em grupos.

**Margarida Couto**

*Instituto Superior Miguel Torga*

**Patrick Wilckend. 2005. *O Império à Deriva: A Corte Portuguesa no Rio de Janeiro 1808-1821*. Tradução António Costa. Lisboa: Civilização Editora. 328 pp. ISBN: 972-26-2252-8.**

Em 2004, saía, no Reino Unido, o livro de Patrick Wilckend, *Empire Adrift: The Portuguese Court in Rio de Janeiro 1808-1821*, em edição da Bloomsbury Publishing PLC, que, desde logo, pareceu destinado a colher aceitação não só entre especialistas, como do público em geral. Se, por um lado, recolhia informação que apeteia uma reflexão que podia transcender as reflexões do autor, aclarando a visão do que fora a vida na agonizante Lisboa, quando da investida napoleónica, por outro lado, atraía um público mais vasto pelo estilo escorreito e, ao mesmo tempo, rigoroso do discurso, também pelas incursões na *petite histoire* em que não deixa de ser fértil.

Feito o balanço, registre-se que estamos perante uma obra que vale a pena frequentar, pois é uma via de conhecimento para a compreensão das passadas largas para a implantação do constitucionalismo em Portugal, e também para a independência do Brasil, factos em si mesmos indissociáveis.

Nos finais do século XVIII e primeiros anos da centúria seguinte, sectores da intelectualidade portuguesa, sob a égide do magistério maçónico, ansiavam pela modernização do estado, pelo indispensável salto cultural em alinhamento com as mais cultas nações europeias, ainda que para tanto fosse necessário trilhar os caminhos da revolução.

A vida política e económica portuguesa foi, então, marcada, em diferentes momentos e por diferenciadas razões, pelo